

## Arte relacional inclusiva (por uma escrita com a deficiência e com a loucura)

*Inclusive relational art (by a writing with disability and with madness)*

Daniele Noal Gai<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aline Milena Castro Matos<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### Resumo

Artesaniamos conceitos enquanto pesquisamos, em meio à pesquisa e à vida das pesquisadoras. Os conceitos fazem parte dos dados produzidos por um Projeto de ensino, pesquisa e extensão vinculado a uma Universidade Federal e que se relaciona com trabalhadoras da educação, da saúde e as usuárias destes serviços públicos. Artesaniamos encontros com essas colaboradoras a fim de produzir sensações e sentidos para os modos de ser, aprender e narrar a deficiência e a loucura. Neste texto estão recortes das Artesanias do Pensamento extraídos de nossos arquivos Entre os meses de maio de 2020 e maio de 2021. Marcamos as ambivalências e as complexidades potenciais das Entre Experiências e as variações potenciais das Artes Narrativas. Quando compomos com a comunidade criamos modos - ético, estético, políticos - de ser, narrar e aprender na diferença. A pandemia da Covid-19 mobilizou a pesquisa na produção de uma Arte relacional inclusiva, em uma Universidade que pode inventariar e mobilizar composições em meio ao caos sanitário e social que vivenciamos.

**Palavras-chave:** artesanias do pensamento; arte narrativa; arte relacional inclusiva; deficiência; loucura.

### Abstract

*We craft concepts while we research, in the midst of research and the lives of researchers. The concepts are part of the data produced by a teaching, research and extension project linked to a Federal University and which relates to education and healthworkers and users of these public services. We craft meetings with these collaborators in order to produce sensations and meanings for the ways of being, learning and narrating disability and madness. In this text there are excerpts from the Thought Crafts extracted from our archives Between the months of May 2020 and May 2021. We highlight the ambivalences and potential complexities of Between Experiences and the potential variations of the Narrative Arts. When we compose with the community, we create ways -ethical, aesthetic, political - to be, narrate and learn in the difference. The Covid-19 pandemic mobilized research into the production of an inclusive relational art, in a University that can inventory and mobilize compositions in the midst of the sanitary and social chaos we are experiencing.*

<sup>1</sup> Graduada em Educação Especial com Especialização em Educação Especial (UFSM), é Mestre em Educação (UFSM e UFRGS) e Doutora em Educação (UFRGS). Atuou na Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal do Pará, Fundação Oswaldo Cruz - Instituto Leônidas e Maria Deane. No momento atua na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como Professora Adjunta da Faculdade de Educação (FACED). Dentre as áreas de pesquisa e atuação constam: Educação Especial, Saúde Mental Coletiva e Arte. E, atualmente, as temáticas e conceitos pesquisados são Educação Inclusiva e o Atendimento Educacional Especializado, Saúde Mental Antimanicomial, Artesanias da Diferença. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8027-687X>. E-mail: [daninoal@gmail.com](mailto:daninoal@gmail.com)

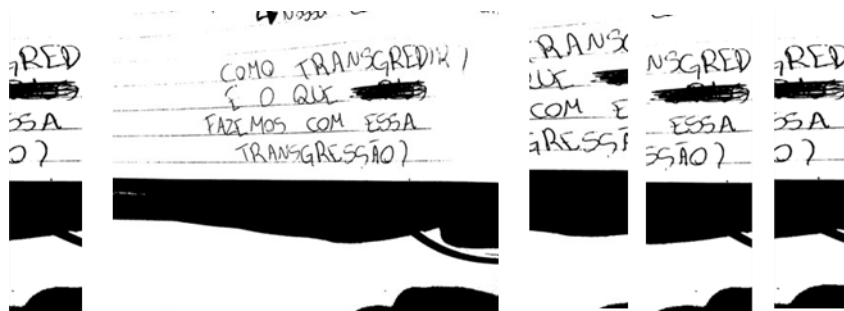
<sup>2</sup> Graduada do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista de Iniciação Científica PROBIC/UFRGS da Pesquisa Entre Artesanias. Trabalhadora de Centro de Atenção Psicossocial Adulto no Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3451-0984>. E-mail: [alinemcmattos@gmail.com](mailto:alinemcmattos@gmail.com)

**Keywords:** *crafts of thought; narrative art; inclusive relational art; disability; madness.*

Rasgar-se e narrar-se, a artesaniar a diferença, está aqui um passo, muito pequenino passo.

[Uma primeira aproximação para renunciar ao esquematismo da história da arte: a rasgadura. Abrir a imagem, abrir a lógica]. Abrir? Portanto romper alguma coisa. Pelo menos fazer uma incisão, rasgar. Do que se trata exatamente? De debater-se nas malhas que todo o conhecimento impõe e de buscar dar ao gesto mesmo desse debate – gesto em seu fundodoloroso, sem fim – uma espécie de valor intempestivo, ou melhor, incisivo. Que pelo menos a simples indagação tenha adquirido, em algum momento, esse valor incisivo e crítico: tal seria o primeiro anseio. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 185).

**Imagem 1** – O que pode a transgressão?



Fonte: Arquivo da pesquisa.

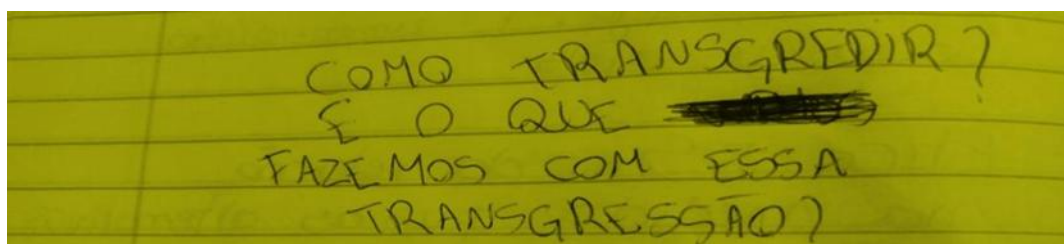
### Entre artesanias da diferença

Este texto transgride, propõe rasgaduras e artesanias desde suas primeiras linhas. Este texto ensaia uma artesanaria do pensamento, com edições, com cuidado e rigor, porém, com potencial artesanaria da diferença. Este texto apresenta conceitos: entre artesanias da diferença; artesanias do pensamento; entre experiências; arte narrativa; arte relacional inclusiva. Esses conceitos são artesanariados enquanto pesquisamos, em meio à pesquisa e à vida de pesquisadoras do campo da educação, da diferença e das artes. Os conceitos fazem parte dos arquivos do Projeto de ensino, pesquisa e extensão de uma Faculdade de educação de uma Universidade pública brasileira, que transversa artesanarias e faz encontrarem-se estudantes, graduandos e pós-graduando em diferentes períodos e processos de formação, preocupados com um processo educativo que possibilite a composição

pela afirmação da inclusão, das ações afirmativas, da reparação, da equidade. Este projeto e os estudantes que vem se aproximando dele, reivindicam e mobilizam ações frente ao inumado destes tempos, do cruel, injusto e perverso lugar dos corpos que existem na deficiência e na loucura. Uma saúde contemporânea e uma educação contemporânea se confronta e propõe outras configurações, processos e práticas com aquelas pessoas que existem na deficiência e/ou na loucura. Com este estudo e imersão no campo da educação especial e no campo da saúde mental constatamos, pelo trabalho com narrativas, que muitas pessoas estão à margem, no limite, na periferia, na clausura, privados de liberdade, em espaços que limitam as possibilidades de ser, aprender e narrar-se de forma livre. Isso quando as pessoas não são marcadas pela ótica capacitista desta sociedade que retrocedeu a uma ética necropolítica (ética - necro - política). Testemunhamos na contemporaneidade a morte da ética e da política, ampliam-se velozmente as ações por uma política de morte. Apesar de. Implementamos uma pesquisa que produz artesanias da diferença e as descreve tal como são e como estão presentes em materialidades, visualidades e encontros, com Escolas inclusivas da rede pública de ensino e com Centros de atenção psicossocial adulto e infantojuvenil (CAPS). Uma pesquisa de artesanias que provoca rupturas (com a política de morte) e por isso transgride (pela reparação, equidade, inclusão). As inferências, desde já, são de que um movimento teórico-metodológico nas aulas da graduação e em seminários da pós-graduação modelam, sim, um Ethos profissional inclusivo e uma Arte relacional inclusiva. As formas de prescrever, diagnosticar, planejar, incluir, olhar e ver a deficiência e a loucura sofrerão modificações substanciais quando as práticas, os estudos e as narrativas estiverem também no espaço de acolhimento, sendo escutadas, quando estiverem em artesanias no sentido potencial da invenção e mudança junto às equipes, escolas, serviços, coletivos, cenários de práticas, centros, faculdades, turmas, colegiados etc. Um ethos profissional inclusivo e uma Arte relacional inclusiva se modelam, são maleáveis, sustentáveis e honestas com os encontros e as composições. As práticas e as narrativas podem ser artesanizadas ao tornarem-se pontos de reflexão e análise no sentido potencial da diferença. Os resultados deste movimento teórico-metodológico, e artesanizados,

influenciarão diretamente ações no campo da educação especial, da saúde mental, das artes, que podem atuar como redes intencionadas, planejadas, planejadas, projetadas, pretendidas, tencionadas: de reparação; de equidade; de cuidado; de atenção - de inclusão relacional! É uma redundância, sim. Contudo, ainda é importante dizer que uma inclusão da deficiência e da loucura, necessariamente, é relacional. Esta pesquisa-extensão opera um laboratório expressivo, uma ponte entre espaços para a criação, um atelier de encontros, portas entreabertas, que sustentam a potência da inovação pelo cuidado, pela atenção, pela amizade e exercício do pensamento na universidade, e com a comunidade. O pensamento na pesquisa em educação sendo artesaniado -necessariamente - cria conceitos. Criar com e entre a comunidade. Uma arte relacional que chega até cada um e cada uma que se sente convocado a pensar os entrelaces de um cuidado na saúde com as minúcias do cotidiano, inventariando-o. Quando nos encontramos com a comunidade criamos formas - ético, estético, políticas - de ser, narrar e aprender na diferença. No momento em que escrevemos vamos abrindo alguns conceitos elaborados no âmbito do projeto de pesquisa, no laboratório que se embrenha entre espaços da comunidade, entre lugares públicos e entre experiências daqueles e daquelas que os povoam. Ao trabalharmos com a criação de conceitos, em filosofia da diferença, nos comprometemos com acontecimentos e agenciamentos. Com a criação de conceitos nas filosofias nômades da diferença, caminha-se em direção a uma experiência acontecendo. Uma pesquisa acontecimento está em processo empírico- material, é imanência. E é também agenciamento, um tal ato presente entre engrenagens, entre articulações, entre tempos, entre territórios e entre experiências.

**Imagem 2 – (Trans)gred(ir)**



Fonte: arquivo da pesquisa.

Nesse sentido potencial da criação, é que produzimos ao pesquisar a combinação que se entrecruza, e ao mesmo tempo tem importância em suas distinções, são conceitose são palavras, são visualidades e são imagens não representativas, são exploração narrativa, são artes narrativas. Entre: o entremeio, a justa medida, entre vícios, alguma proximidade que deixa passagem, algum lugar com espaçamentos, um espaço com fissuras, uma fresta, um vão, entre muros, uma fresta para a delicadeza, um diálogo de duas vias, um encontro relacional etc. Um Entre que não dissocia, não separa, não se compromete com padronizações, ignora dicotomias etc. Artesanias: que nesta pesquisa éartesia do pensamento da diferença, muito mais do que artesanaria de materialidades e visualidades, ainda que também possa ser. Artesania que se aproveita das artes visuais e também da pedagogia do artesanato sem confrontá-las em valorizações, pois são importantes no que propõem à criação e ao pensamento criador e educador (potencial, diferencial e variado). Diferença: não é oposição, não é imagem, não é diversidade, não é representação, tampouco exclui aspectos identitários. Tomamos a diferença potencial da deficiência e da loucura. O déficit como potência. O que cada corpo tem e é em sua potência a diferir: diferença. A errância e os ziguezagues da deficiência e da loucura comopotência. As possibilidades de diferir de outros, outras, outrem, coisas, quaisquer, qualquer etc. E ser o que se é, com o que se pode ser, em composição na multiplicidade.Ouvir e escutar: ainda que a loucura atravesse o diálogo e nele se produzam reverberações. Os ouvidores de vozes e o que nos dizem como potência. A escuta que temritmo outro é que é potencial. Aquela pessoa com deficiência que se embrenha no que pode ser, ainda que os arredores o desafiem a se anular. O Entre - a deficiência e a vida - é plástico; e modelá-lo é potencial: na educação, na diferença, nas artes. O Entre - a loucura e a vida - é campo relacional, portanto, potencial. Nesta pesquisa-extensão, que faz movimentos teórico-metodológicos, estivemos acompanhadas de mulheres pesquisadoras, artistas e escritoras, com as quais realizamos as leituras em tom artesanaiador ou aproveitamos das obras de arte como dispositivos para artesanias outras:bell hooks

(2019) com uma pedagogia feminista na voz de mulher negra. Grada Kilomba(2021) com a obra de arte de mulher negra e as desobediências poéticas. Marilda Oliveira de Oliveira (2021) com a investigação baseada nas artes e a formação docente em/com artes visuais. Marina Abramovic (2021) na obra-viva e vida performer, que atravessa a arte contemporânea. Paola Zordan (2019) com a sua criação, uma gaia educação. SandraCorazza (2019; 2021) produzindo com a filosofia da diferença, escrituras e sonhos em educação. Suely Rolnik (2011; 2018) implodindo insurreição, cartografia, arte e desejo.

De repente, ocorreu-me a ideia, por que pintar? Por que eu deveria me limitar a duas dimensões, quando podia fazer arte a partir de absolutamente qualquer coisa: fogo, água, corpo humano? Qualquer coisa! Foi como um estalo na minha cabeça: percebi que ser artista é ter uma liberdade imensa. Se eu quisesse criar alguma coisa a partir da poeira ou lixo, eu poderia (ABRAMOVIC, 2017, p. 41-42).

Pesquisa das artesanias: procedimentos com hierarquias e hegemonias não nos servem. Hierarquias e hegemonias nos mobilizam a transgressões, fugas, torções. Transgredir e produzir efeitos e sentidos para a vida pulsar é uma possibilidade na artesanaria do pensamento em educação, diferença e arte. Abrir fissuras com conversações e escutações entre artigos, livros, obras, exposições e tudo que cada uma e cada um dos colaboradores mostram, carregam, narram, artesaniam, sugerem. Com corpos, com todos, todas, todes e qualquer um. Com a ninharia de alguns e a potência de outros. Com rasgos, com fogo, com água, com linhas, com colares, com imagens iconográficas, com o que se tem, com os pensamentos a pensar. Os tempos sombrios que apagam o que cintila, movimenta, produz diferenças e pulsa, nos convidam à pesquisa das artesanias da diferença. O pensamento do pensamento da diferença, pela criação, pela invenção, pela ótica da sombra e do lixo, ainda que ficção e não produção de facção fascistóide. Artesanaria da diferença: é colocar em destaque a vivacidade, o vivo da vida, o elã vital, ainda que aos pedaços, sob exclusões e feridas expostas. Nem sempre artesanaria na diferença é amorosidade tácita e composição por similitudes ou semelhanças. Exatamente pelo estranhamento é que operamos artesanarias. Infere-se que dessas maneiras

dissertadas aqui - modos processuais, pouco acabados e com fissuras, múltiplos - a sociedade operaria em uma lógica relacional e inclusiva. Estamos falando da deficiência, da loucura, das possibilidades para a liberdade, criação e humanização destes tempos sombrios. Afirmamos práticas de liberdade artesanizadas na educação, na saúde, nas artes. Uma pessoa, um corpo, uma história, uma obra, uma artista está em questão, sob atenção, entre cuidados, em escuta, com a sua deficiência e/ou com a sua loucura. Quem sabe para uma transgressão uma torção. Não existe métrica. Porém, não nos cabe parar e sucumbir à exclusão, à clausura, ao silenciamento das pessoas com deficiência e das pessoas loucas. Uma torção convocada por Ohno e seu Butô: e sua performance, e sua arte da teatralidade, e sua arte da composição com as coisas das coisas e a presença viva das coisas (corpos, substâncias). Pesquisar “torcendo o corpo” para o que aí está, para as narrativas em saúde e educação, entre a deficiência e a loucura. Pesquisar com arte narrativa e filosofia que lê a contemporaneidade, e arriscar-se-á.

Não basta falar à pessoa que está à sua frente: “torça um pouco o corpo, e, agora, fale. Fale tudo o que quiser.”  
Contido, torcendo um pouco o corpo. Não pode olhar a pessoa, mas precisa olhar. Parece olhar, mas não olha. É nesse limite, entendem? Tentem transmitir Tudo o que quiserem. Mais do que olhar, é Este “tudo o que quiserem”.  
Torcendo o corpo, Imperceptivelmente.  
(OHNO, 2016, p. 100)

### **Entre experiências da diferença**

Convencionamos chamar os colaboradores desta pesquisa conforme os marcadores com os quais são identificados por serem vinculadas a instituições. A vinculação é importante uma vez que temos como objetivo reunir aqueles que se relacionam com a deficiência e a loucura, seja por existir nelas, aprender com (com outras pessoas, coisas, artes, sensações), narrar, ter compreensões a ampliar e promover vida em meio à deficiência e à loucura. Os Usuários de serviços de saúde mental vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS) fazem parte desta pesquisa como colaboradores dos processos Entre experiências. Também estão Entre experiências as pessoas

com deficiência em processo de trabalho ou escolarização em escolas públicas ou no SUS. Aqueles professores que atuam no campo da educação de pessoas com deficiência se encontram com os princípios desta pesquisa, e com eles se dão as nossas buscas por uma narração de outras formas potenciais e inclusivas de aprender. A universidade encontra a comunidade ao ser aceita, ao estabelecer parcerias, por questões éticas, por sua importância na produção de conhecimento, se encontra para pesquisar através dos seus estudantes, das pesquisadoras, de inúmeras estagiárias que se dedicam a criar condições, educadoras e educativas, no encontro com a educação, a diferença e as artes. Entre experiências as convenções não são diluídas, os marcadores sociais são importantes, são entendidos para que direitos sejam assegurados. As adequações e as flexibilizações nas práticas favorecem a participação, são direitos na educação e na saúde e não podem ser negligenciadas. Como colaboradores todos são participantes dos diálogos, tem suas histórias e narrativas em destaque, não existe encontro de pesquisa com prescrições, e, sim, com composições.

O contemporâneo de nossas experiências nos situava em um lugar, e elas estavam relacionadas às intempéries e aos acontecimentos da vida. A partir de nossas experiências conseguimos falar sobre quem não somos, o que não queremos ser e também podemos afirmar nossa vontade de viver - e nisso investimos nossos esforços. Por que experiência é o que nos acontece, junto das múltiplas tentativas de elaborar sentidos, ou elaborar a falta deles. (CADORE et al, 2021, p.2).

Ao nos encontrarmos na arena de artesanaria desta pesquisa estamos todas mobilizadas na construção de dobras, de um entre, de brechas, de vãos, de aberturas, de processos, de fissuras, de possíveis e de torções - na normalização, na exclusão, no preconceito, no abandono, na violência, na clausura, no encarceramento, no abandono, no silenciamento, dos corpos da diferença. As pessoas que se encontram, se prestam a fazer torções artesanizadas no que é embrutecedor, no que é engessamento, no que é amarração. Ao nos encontrarmos entre experiências estamos com muitas pessoas experientes, que estão em colaboração justamente pela importância das suas experiências e experimentações.

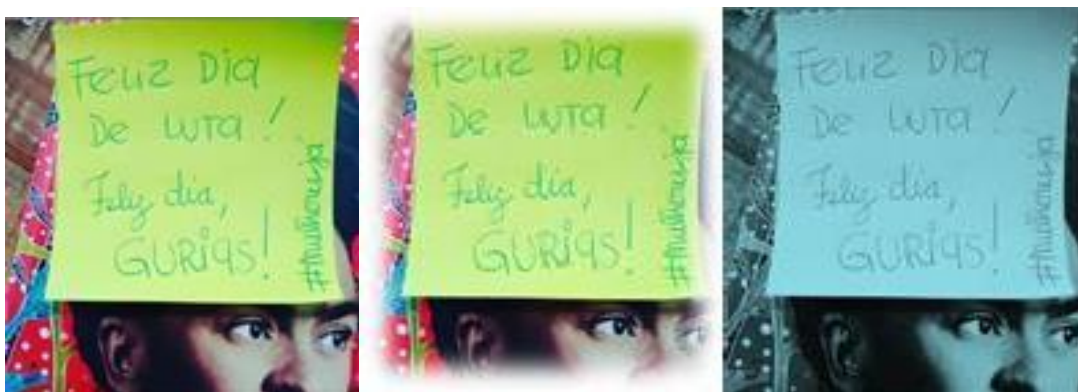


Entre experiências de pessoas com deficiência e pessoas em sofrimento psicossocial. Nós compomos outros conceitos e éticas para encontros alegres e expansivos, ainda que os encontros sejam de olhos, olhares através de telas, exposição de arte caseiras, exposição de composições artesanais e uma singela presença remota das artes narrativas.

### **Arte narrativa e uma arte relacional inclusiva**

Arte Narrativa e uma Arte relacional inclusiva podem ser composições e se dar em composições. Podem ser composições com a deficiência e com a loucura. Artes, narrativas e criação em composição se mostraram no que materializamos ineditamente em cada um de nossos encontros, o que nomeamos de Arte narrativa no âmbito da pesquisa. A proposta de viver e estar Entre experiências, gerou diálogos e narrativas no campo desta pesquisa e com os colaboradores desta pesquisa, as artes se moldaram de narrativas. A palavra em composição apareceu de forma recorrente nas materialidades e visualidades produzidas nos encontros artesanais. Até o momento temos um arquivo com extensa e intensa mostra de produções, de artesanias do pensamento. Com esta pesquisa da diferença em educação temos a produção de encontros potencialmente artesanais de palavras, ideias-composição, nomenclaturas, arquiteturas, linhas, telas, imagens, fotografias, bordados, relíquias, cartas e textos criativos, que marcam um tempo.

**Imagens 3, 4 e 5 - #MulheresJá**



Fonte: Arquivo da pesquisa.

As artesanias da diferença se compõem e se modelam com as artesanias do pensamento. As Entre Experiências geraram Artes narrativas. As artes narrativas transgrediram ao comunicarem-se, ao ponto de reivindicar e afirmar uma Arte relacional inclusiva. E neste momento da pesquisa e da construção de inferências, pode-se dizer questão: narrativas para conversar, criar outros modos de pensar, inventar outros percursos para pesquisar, torcer as nomenclaturas e as prescrições para a deficiência e a loucura. Também podem servir ao estabelecimento de vínculos, de aproximação, de amizade, de comunicação. Para artesanizar pensamento, um ethos, uma ética viva da diferença: talvez, artes narrativas. Artes narrativas são caminho percorrido pelo diálogo que gera comunicação. Artes narrativas são coisas que acontecem, são acontecimento. Podem ser compreendidas também como conversações e escutações, bordadas, pintadas, fotografadas, pois narram encontros, sensações, impressões, marcas de exclusão. Uma conversa que acolhe o olhar que se torce, vira, olha para baixo, pois que borda ou tece enquanto apreende, silencia, age, desvia. E se utilizados exatamente desse modo, as artes narrativas, podem não disparar nada linear, podem não funcionar objetivamente, ainda que operem e disparem novas artesanias do pensamento da diferença.

Tenho esperança de que futuros educadores conversem cada vez mais, entre si e com os estudantes, de modo que o modelo da conversação enquanto caminho para o aprendizado seja considerado legítimo como espaço genuíno para o pensamento sério e rigoroso". (hooks, 2019, p.86).

Contrariamente à éticanecropolítica [ética-neco-política], a ética viva da diferença ignora as conversações, as escutações, as sensações, o desejo, a intuição, a dinâmica história e a necessária vida nova, tampouco os inumeráveis projetos de vida possíveis de serem inventados. A sustentação de projetos singulares, artesanias da diferença, é nosso desafio coletivo, como comunidade, e também como instituições, que se encontrem acolhem a deficiência e a loucura nas suas múltiplas multiplicidades.

**Imagens 6, 7, 8 e 9 - Fazer junto no Fazer junto**



Fonte: Arquivo da pesquisa

Através de nossas ações em rede colaborativa, marcamos um tempo. Tempo de estar junto mesmo que entre telas. Um tempo de uma arte narrativa da experimentação. Experimentamos a palavra e o silêncio diante de tantas mortes no Brasil devido a pandemia de Covid-19. Buscando um modo de existir e resistir no duro do cotidiano, encontramos na narrativa uma arte relacional que diz sobre o vivido e uma construção coletiva. Criamos com. Criamos uma forma outra para estarmos juntos remotamente, utilizando plataformas digitais da universidade. Artesaniamos encontros entre os meses de maio de 2020 e maio de 2021 (recorte para este texto), a fim de produzir um gesto acolhedor, como uma rede de acolhimento tanto ao que foi próprio da pandemia, assim como das necessárias transgressões das artesanias da diferença. Transgredimos no sentido de uma torção na lógica de (re)produção, coleta de dados, encontros de pesquisa, ações de extensão, pois colocamos em artesanaria a indissociabilidade na universidade, com rigorosa composição entre ensino-pesquisa-extensão. Através do princípio de que

a arte narrativa se relaciona com as pessoas, a partir de um ambiente acolhedor e seguro, fizemos da nossa arena de artesanias um território de comunicação, cuidado, atenção e inclusão. E por um tempo que durará, por transgressão, a manteremos, a sustentaremos com: presença, afeto, conversações, escutações, errantes, frágeis, móveis, nômades, perambulantes, online, à distância etc.

Reconhecer que através da língua nós tocamos uns nos outros parece particularmente difícil numa sociedade que gostaria de nos fazer crer que não há dignidade na experiência da paixão, que sentir profundamente é marca de inferioridade; pois dentro do dualismo do pensamento metafísico ocidental, as ideias são sempre mais importantes que a língua. (hooks, 2017, p. 233).

O movimento de sustentação da diferença é que possibilita uma escrita com a deficiência e com a loucura. Movimento de encontro e que procura conectividade com os diferentes modos de existir. Movimento que se coloca como aprendiz e por isso conseguir a potência de diferir e inventariar uma narrativa a punho, uma narrativa tagarela, uma narrativa acolhida em seu processo de adoecimento. Assim, pesquisamos com o afeto, com a ética viva da diferença, com o vínculo possível entre experiências: entendendo que aquilo que amarra, que sai, que vaza, que expande, que engasga, que rasga, que pulula, nos compõe. Sustentamos a necessidade de desenvolver um forte nível de vinculação com aquilo que nos interessa pessoalmente e singularmente, para que se possa produzir uma narrativa sensível e uma arte relacional inclusiva. Mobilizadas pela pandemia da Covid-19 e os interesses que nos aproximam e nos fazem Rede, nos acolhemos com e na palavra, produzindo sentidos, na diferença e na arte - apesar de. Entre experiências e Artes narrativas, sustentando as variações da língua, das narrativas e dos modos de se estar Entre. Ao rasgar conceitos incapacitantes, esfaceladores, despotencializadores dos modos de existir das pessoas com deficiência e das pessoas em sofrimento psicossocial, produzimos uma ação violenta, uma incisão, um corte naquilo que não tem qualquer sentido potencial e expansivo para a educação e para a saúde contemporânea. Afirmemos as artesanias da diferença, que consideramos nesta pesquisa, ser os modos de existir, narrar e aprender na

deficiência e na loucura. Afirmemos o que pode narrar cada um queprende com tudo que pode o seu corpo, a sua voz, as vozes que escuta, os desvios que percorre. Modos de existir, narrar e aprender na multiplicidade, na diferença, na potência em si; sem comparações. Afirmar as artesanias da diferença, a deficiência potencial, é considerar os múltiplos modos de aprender e narrar das pessoas com deficiência. Este texto que rasga também produz efeitos com conceitos, intenciona REDES ENTRE, por uma escrita com a deficiência e com a loucura. A pandemia da Covid-19 mobilizou a pesquisa na produção de uma Arte relacional inclusiva, em uma universidade que pode - apesar dos ataques aos docentes, técnicos-administrativos em educação e estudantes – inventar, inventariar e mobilizar composições em meio ao caos sanitário e social. Sacar de dentro os nós que ainda temos na garganta, puxar para fora as mazelas psicossociais, cambiar os tempos, por pleonasmos, por uma pequenina Arte relacional inclusiva.

Imagem 10, 11 e 12 – Arte relacional inventiva



Fonte: Arquivo de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVIC, Marina. **MAI**. Disponível em: <https://mai.art/>. Acesso em janeiro de 2021.

Cadore, Paula; Gai, Daniele Noal Gai et al. **Artesaniando possibilidades de acolhimento de Norte a Sul**: entre experiências pandêmicas na saúde e na educação. Revista Climacom. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>. Acesso em 29 out de 2021.

CORAZZA, Sandra Mara. **Breviário dos sonhos em educação**. São Leopoldo: Oikos, 2019.

CORAZZA, Sandra Mara; et al. **Escrileituras**: um modo de ler-escrever em meio à vida. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v40n4/11.pdf>. Acesso em janeiro de 2021.

Hooks, Bell. **Ensinando a Transgredir**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

Hooks, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Desobediências Poéticas**. Disponível em: [http://pinacoteca.org.br/wpcontent/uploads/2019/07/AF06\\_gradakilomba\\_miolo\\_baixa.pdf](http://pinacoteca.org.br/wpcontent/uploads/2019/07/AF06_gradakilomba_miolo_baixa.pdf). Acesso em janeiro de 2021.

OHNO, Kazuo. **Treino e(m) poema**. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; PAZ, Thais Raquel da Silva. **Outros rumos na formação docente em artes visuais – Para onde caminhamos?** Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/10591>. Acesso em janeiro de 2021.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da Ufrgs, 2011.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ZORDAN, Paola. **Gaia Educação**: arte e filosofia da diferença. Curitiba: Appris, 2019.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0)